

CORREIO DO SUL

Bi-semanario independente, de informação e propaganda do Algarve

Secretario da Redação — JOSE DIAS SANCHO

Redação e Administração — Praça Alexandre Herkulano, n.º 26

DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO SANTOS

Administrador — ALBERTO MONTEIRO

Composição e Impressão — Tip. Regional Editora, L.ª



A HESPANHA DE Primo de Rivera

Depois de uma viagem de estudo feita em Espanha, não quizesmos deixar de reservar algumas das nossas impressões para as transmittirmos aos leitores do «Correio do Sul». E o assumpto, que julgamos interessar-lhes, é a situação actual de Primo de Rivera e as probabilidades de exito da sua politica de dictadura, para pôr a casa em ordem.

A situação em Espanha para os politicos é asfixiante e muito mais carregada do que a de Portugal naqueles dias que precederam o atentado do Terreiro do Paço, por occasião do governo franquista. Uma extensa rede alastra por toda a Espanha exercendo uma espionagem activa, para facilitar a obra honesta e bem intencionada do dictador segundo affirmam as classes produtoras que o apoiam.

justificado e lá se encontram todos desde as 9 da manhã ás 2 da tarde, hora a que terminam os serviços publicos podendo depois cada qual tratar da sua vida como intendente.

Ainda não tinhamos concluido a nossa palestra passa no corredor da carruagem um individuo, que percebendo parte da conversação, se dirigiu aos passageiros do nosso compartimento a pedir passaportes e documentos.

—Vê, eu não lhe dizia que era preciso cuidado, lembra o engenheiro.

—Mas para se entrar em Madrid, exigem aos proprios espanhóis documentos comprovativos da sua edentidade?

—Sim senhor, isto está assim como vê.

Na Capital Espanhola

Depois de passarmos alguns dias em Madrid e observarmos a vida militar compreendemos então como se pode manter um Primo de Rivera. Em primeiro lugar, no exercito não ha politica, não ha officiaes nem sa gentos inscriptos em qualquer partido e por isso estão todos unidos, animados do mesmo pensamento de salvar a Espanha do caos administrativo em que se encontrava. Tanto

Dr. José Pavia de Oliveira
MEDICO
Retomou a sua clinica

o exercito e a armada, a policia e a guarda civil estão perfeitamente orientados com a mesma dedicação patriótica; e, em boa hora se viva numa atmosfera reacionaria, inadaptavel n'outro meio democratico, é certo que ha dois anos estão com a suspensão de garantias e a censura na imprensa e vão prendendo os que são ouvidos a dizer mal da dictadura.

Tem-se a impressão de que, se liquidarem Primo de Rivera em algum atentado pessoal, vai outro para o seu lugar. Não ha actualmente ministros em Espanha, o Presidente do Directorio é ministro de todas as pastas e despacha com os subsecretarios de Estado membros do Directorio que são os representantes de outros ministerios.

Mas qual é a attitude do povo em face desta situação?

Ha duas correntes: a dos individuos que constituem as chamadas forças vivas que intendem, como nos disseram em S. Sebastian—que os povos desmoralizados precisam de ter a sorte de evertar um Mussolini ou um Primo de Rivera e ha a corrente popular, que procura reagir e odeia o dictador. Não sabemos o que se passa no sub solo, mas julgamos difficil pôr-se em pratica um movimento de reacção, desde que o exercito se encontra todo unido.

Um episodio que define a situação reacionaria actual; os carnicheiros de Santander puzeram-se em greve, porque não os deixam

Conclue na 2.ª pagina

Em Arte O QUE É O REGIONALISMO?

Carta a FERREIRA DE CASTRO (Continuado do n.º anterior)

Por exemplo, entre os Poetas, o que tem V. visto produzir?... Em mil livros ha um que se aproveita... E lembrar-se a gente que o grande Petrarca nunca julgou capazes os seus sonetos imortais, escondendo-os como obra interior!

Eça de Queiroz é outro escritor internacionalista, segundo o seu criterio, sem duvida... Pois o que fez Queiroz no *Crime do Padre Anuro* senão o regionalismo de Leiria? No *Primo Basilio* o regionalismo altacinhá? Na *Reliquia* uma pintura portuguesissima da impostura e sofreguidao de diabo?

Mesmo para nós, portugueses, Camilo é o descobridor do Minho; Fialho, do Alemtejo; e agora, incontestavelmente, o sr. Aquilino Ribeiro, da Beira Alta.

V. pode objectar-me que todavia Eça de Queiroz tem mais traduções do que Camilo ou Fialho, e talvez se não resigne sem que eu tente dizer-lhe o porquê...

Eça é, fora de duvida, o mais conhecido dos trez alem fronteiras, talvez pelo seu processo flaubertiano, mas a verdade é que não vejo motivo para que ainda não hajam traduzido os contos de Fialho ou algumas novelas modelares de Camilo que são tão interessantes como as boas páginas do criador do Fradique.

Como contraste, em quasi todas as linguas corre vertido George Onhet... Será caso que o insipido criador de o *Grande Industrial* constitua o autentico tipo do escritor internacionalista?

As tradções, (é óbvio dizê lo), não representam sempre a consagração dos escritores, nem tampoco, muitas vezes, querem dizer a excellencia de sua Arte.

Pregunte V. aos seus Deuses, por exemplo, porque bula o péssimo soneto *Ao cair da Folha*, de Albino Forjaz de Sampaio, (que se é um soltrivel prosador seria um inclassificavel poeta mesmo n'um paiz que não fosse rico como o nosso em literatura lirica), foi traduzido se bem me recorda, a biblica soma de 7 vezes, em linguas diferentes...

O acaso levou-me a conhecer um dia um dos seus tradutores. Confesso-lhe que tive a veleidade de o interrogar a tal respeito, e a resposta, já se vê, não se fez esperar: a versão fora uma gentilissima correspondente a um pedido...

E' assim que se escreve a historia, meu amigo!

Ainda não ha muito li nos jornais que certo escritor japonês apaixonado pela nossa literatura, traduzira... Como ellas amam, de Julio Dantas!

O que intere V. d'aqui? A gloria do artista e o orgulho da nacionalidade? Não, V., como rapaz inteligente, conclue apenas que o pobre japonês conhece delicientissimamente a nossa riqueza literaria, (isto para não recorrer á aceitavel suposição de caso identico á tradução do soneto *Ao cair da folha*), a ponto de se agarrar precisamente á obra mais felida do festejado pai da Severa, que felizmente para o seu nome, entre o entulho das suas molduras velhas, tem muito melhor do que tal,

Já V. viu algures, um dia, qualquer critico de olhos abertos reconhecer no Julio Dantas monoculante o dom de desfibrar almas? Não tem V. visto afirmar-se sempre, com mais ou menos variantes de adjectivos, que esse escritor apenas «nos bonitos efeitios scenicos se compraz»?

Pois o que cuida que diz o nosso japonês? Que Julio Dantas é dos mais argutos prescritadores da alma humana, e, para mostrar erudição, compára-o... a Blasco Ibañá?

Como acha exigua ainda a sua estreia, o enviuzado subdito nipónico (marelo que muito deve agradecer ao daltonismo do estúdio dos Poetas e Pintores de Rilhafoles) jura a Confúcio traduzir a *Pátria Portuguesa*, berzondela patriarraça onde o anacronismo a palavra choruda como ôlha de couve, a locução fatição de pão com manteiga, se embrelharam diabolicamente para nos darem Alonso Henriques em orango tango veneravel e Nun'Alvares em Rosa Tirana!

Repito, meu caro Ferreira de Castro: é assim que se escreve a historia...

V. cita Mistral como o unico escritor regionalista digno d'esse nome, que atravessou fronteiras.

Ha pois um equívoco na sua concepção do regionalismo.

O seu exemplo não colhe. Mistral não teve o absorvente impulso de pintar costumes regionais, nem tampouco escreveu n'um dialecto. A lingua provençal tem uma historia brilhante e desempenhou um papel importante, até, com o talar galaico, na formação da nossa poetica dos Cancioneiros.

As minudencias palavrosas de região, que V. justamente condena, porque são *italage* muitas vezes de pronunciado mau gosto, não foram a preocupação do estupendo autor da *Miríada*, claro, ingenuo e simples como um antigo cultor da «gaia sciencia».

O que Mistral procurou foi reavivar uma tradição gloriosa, servindo-se d'um idioma proprio do seu paiz, o idioma d'oc que já deu leis na França.

A verdade é que o povo da Provença vagamente percebe o tranzez. Atribui-se mesmo á mãe do Poeta a expressão *aque the d'iziam* que o filho fazia talar os pais, por ele escrever em tranzez e ela o não compreender...

Conclue na 2.ª pagina

Presidente da Republica

Por falecimento de seu irmão o advogado José Teixeira Gomes, occorrido hontem de manhã em Portimão, encontra-se de luto o sr. Manuel Teixeira Gomes, Presidente da Republica Portuguesa.

Ao illustre algarvio envia o «Correio do Sul a sincera expressão de seu pesar.

EM TAVIRA FORMA-SE Uma Banda Municipal

O que disse ao «Correio do Sul» : : o Presidente da Camara : : :

A criação duma banda Municipal em Tavira foi ideia arranjada em 1915 quando a de infantaria mudou de residencia.

A ideia secou mas a necessidade de que a provocara mantem-se.

Um concerto musical ás semanas, bom, teria muitos ouvintes e concertos sérios, decentes, nestes ultimos anos só temos gosado os que Pavia de Magalhães organisa com orquestras de Lisboa á custa de canceiras e sacrificios compensados apenas pela satisfação de deliciar os patricios. E novamente aparece a ideia, recebida com entusiasmo por uns e com descrença por outros. Não se acreditava no empreendimento mas os editaes aparecidos hoje convidando musicos de diversas categorias a inscrever-se na Banda, trouxeram esclarecimentos.

Para completa-los o *Correio do Sul* ouviu o sr. Isidoro Manuel Pires, ministro das Finanças do Municipio, presentemente dirigindo todos os negocios da Camara e iniciador desta empresa.

—A Camara vai pagar uma banda?

—Sim senhor! A Banda dos Bombeiros Municipais de Tavira.

—E tem dinheiro?

—Tem. Ha muito tempo que estudo a maneira de dotar a cidade com este melhoramento e graças á reorganisação financeira que puz em pratica em novembro de 1923, o municipio pode já este ano subsidiar um grupo de bons musicos que possam constituir uma banda. Tambem ha dinheiro para fardamentos e instrumentos. Estou certo de que satisfação os desejos da opinião publica.

—Tem a certeza de que a opiniao publica não aplaudiria com mais satisfação o emprego desse dinheiro em melhorar a Central Electrica?

—O nosso municipio, meu amigo, é dos mais pobres do Algarve mas com o cuidado que temos dedicado á sua administração, dispo remos de dinheiro para manter a banda e para melhorar os serviços de iluminação, por vezes deficientes em resultado do excessivo extorço que se exige dos motores que a produzem. E temos tido dinheiro para outras obras necessarias. A Camara tem recebido propostas para o fornecimento de motores mas encarregou o engenheiro sr. Joaquim Padinha de os escolher e observar, fazendo depois um relatório que sirva para orientar a Camara. Este senhor prestou-se amavelmente ao encargo e só esperamos o resultado das suas comparações para procedermos.

Temos autorisação para um emprestimo até á quantia de 300 contos e no orçamento de 1926 destinamos já 40 contos para amortisação desse emprestimo que contrainos para a compra do motor. A organisação da banda e a compra do motor não vem trazer novos encargos aos municipes e todos estes melhoramentos se tarão com a mata da casa. E' uma questão de economia inteligente. As estradas não deixarão de ser reparadas como

precisam. Temos reparado que as tem sido possível e no orçamento de 1926 será inscrita para esse fim uma verba maior do que a de 1925.

—Muita gente supõe que o Municipio está pobre e que algumas obras feitas pela Camara eram desnecessarias, como a do Ribeirinho por exemplo.

—Não diga isso! Aquela obra fazia falta! Foi feita com a verba especial criada pela lei 63 que destina certas receitas de pescas a despeza de canalisações de esgostos e melhoramentos no rio. Melhoramentos no rio não os fazemos. Canalisações de esgostos temos feito algumas. Fizemos estas do Ribeirinho e melhorámos a rua que tem hoje um aspecto decente. Fizemos outra na rua Miguel Bombarda, na rua Nova da Avenida, saneámos a Riebeira dando colectores a quasi todas as ruas e talta-nos fazer o da rua Dr. Parreira. Já vê que a organisação da banda não transtorna outros serviços importantes do Municipio.

—Dos serviços de limpeza não há razão para queixas.

—O serviço de varredores está bem feito. Todos os dias de madrugada ou de noite, sem incomodar a população, quasi todas as ruas da cidade são varridas.

—É possível que não percam tambem ser regadas nem que a tedorencia do desajeitado urinol da praça possa acabar.

—Não pode ser tudo feito ao mesmo tempo. Quero fazer este ano ainda um lavadouro que nada vai custar ao Municipio pois o deputado Jaime Cansado obteve do fundo do Ministerio do Trabalho, quando era ministro o sr. Sampaio Maia, 10 contos para a sua construção. A Camara já encarregou o vereador José Maria dos Santos de estudar e fazer um projecto da obra para se lhe dar rapida execução. O urinol será substituído ou melhorado conforme for possível.

—E se se lembrarem de construir tambem uma retrete? Não há em Tavira uma retrete publica. São clandestinos as que existem. A rua da Galeria, caminho para o tribunal e para as repartições publicas, as escadilhas do cais, e muitos outros sitios, são estremeiras vergonhosas que devem acabar.

—Tem razão. Mas o que é mais urgente é dotar a Central com um novo motor, poderoso, que suporte o serviço da Cidade, e tratar da construção do lavadouro, da canalisação da agua para a rua Almirante Reis e da organisação da banda. A Camara, para a sustentar, não precisa dos rendimentos que ela obtiver nas festas em que ela tomar parte. Destas receitas uma parte ficará pertencendo ao municipio e outra será distribuída pelos musicos. A Camara tem rendimentos para sustentar a banda e a cidade ficará disposta de um valioso instrumento de distração e cultura.

Todas estas obras que parece exigirem dispêndios assombrosos se conseguem com uma administração cuidadosa.

Tavira, 23



DR. CARLOS FUZETA

Partiu para Lisboa atim de conferenciar com o Ministro dos Negocios Estrangeiros que telegraficamente o tinha chamado, o sr. dr. Carlos Fuzeta, sendo certamente a fase atual da questão da pesca o assunto a versar.

Comandante Mendes Cabeçadas

Tendo sido atendido no recurso que interpoz junto do tribunal competente, foi promovido a capitão de mar e guerra, nos termos da lei, o nosso comprouviano e querido amigo José Mendes Cabeçadas, atualmente preso por motivo da sua participação no movimento revolucionário de 18 de Julho.

A esta promoção se referem os *Ridículos* nos seguintes termos:

Está muita gente pasmada porque o sr. comandante Filomeno da Camara, chefe do movimento de 18 de abril, foi separado da marinha, e o sr. comandante Mendes Cabeçadas, chefe do movimento de 18 de julho, foi promovido de capitão de fragata a capitão de mar e guerra, por ser heroe de 5 de Outubro.

São segredos da Democracia, e questões de movimentos e heroes.

Ha varias qualidades, especialidades e uniformidades.

Em nada atingem a honrabilidade do comandante Mendes Cabeçadas as insinuações malevolas do eco que transcrevemos, mas como ha muita gente que lê os *Ridículos* e está convencida de que na sua prosa caracteristica ha qualquer sinceridade e não apenas o proposito de maldizer tudo e todos com o fim de ganhar popularidade—porque é esse em Portugal, hoje, um meio infalível de a conquistar—quizeamos transcrever as suas palavras para as comentarmos devidamente.

O comandante Mendes Cabeçadas, não foi separado do serviço porque o governo entendeu e muito bem, não reincidir no erro de aplicar aos revoltosos de 18 de Julho o decreto da separação antes do julgamento que tanta e tão merecida repugnancia causou, mesmo nos meios republicanos.

Não estando separado de serviço e não tendo ainda sido pronunciado, o comandante Mendes Cabeçadas tinha de ser legalmente promovido quando chegasse a sua vez e foi porque o não promoveram que recorreu para o tribunal competente que lhe fez a justica devida.

Por isso o felicitamos aproveitando a ocasião para mais uma vez lhe manifestarmos a nossa muita consideração e dedicada amizade.

tos interesses para tão secundario plano, como se o maior interesse do paiz fosse, nesta hora, a congeinação de mais algum periplo ou de mais umas manobras navais, pagas por uns tantos milhares de contos sangrados ao pauperrimo tesouro publico?

A nação tem que saber o que se faz e o que se pensa no governo perante uma tão grave questão e o Algarve não cala o seu protesto retumbante contra o facto, que ai está ás escancaras, de ter os seus mares abandonados á rapina espanhola.

Conscientemente ou desleixadamente o facto é este—o mar algarvio tem estado perfeita e absolutamente entregue aos espanhoes.

Propositada ou casualmente cá estamos, pela supressão da fiscalisação, entregues á hermandad tão simpatica ao sr. D. José Tejero.

Pois o Algarve repele essa hermandad e está disposto a detender-se a si proprio.

Como? Como puder ser! A responsabilidade do que houver será, plena e indistinctivel do senhor Ministro da Marinha, que nas horas vagas dos periplos se tornou, não se sabe porque, colaborador eventual dos planos do sr. D. José Tejero!

Mario (1111)

POLITICA

Os novos parlamentares

(Continuação da 1.ª pagina)

monstrar, com factos, que ha nisto, em parte, um circulo vicioso: o exercito revolta-se porque está desprestigiado e está desprestigiado porque se mete em revoluções. Não entraremos nesse campo porque não queremos iludir o facto essencial:—o parlamento anterior e os governos que dele saíram não dedicaram ao problema da ordem publica o interesse que ele exige.

Esse problema é fundamental; é quase fisiologico. Toda a gente conhece um facto que a muitos parece extranho. Quando aos ouvidos duma pessoa desprevenida da de repente a buzina dum automovel, essa pessoa obedece ao instinto de mudar de logar, atralha-se e não poucas vezes precipita-se no perigo de que podia estar livre. E' que a sensação do perigo paraliza o raciocinio. O homem que se sente em perigo tem necessidade de mudar. Uma sociedade que se sente ameaçada directamente e que não vê quem a defenda, está apta para aceitar de bom grado todas as mudanças, mesmo que sejam para pior.

E' por isso que o problema da ordem publica é fundamental para todos os governos que queiram sinceramente realizar uma obra. E os parlamentares que quizerem governos estaveis e uteis tem que apoiar-os com energia nesse assunto.

Antes de pensar, porem, em resolver o problema da ordem publica é preciso ver em que elle consiste. A ordem não se cifra apenas em meter na cadeia os ladrões e os assassinos; não é somente o respeito pelo direito á vida ou de propriedade. A ordem exige a garantia do livre exercicio de toda a actividade legitima, isto é, a que não contende com o interesse da colectividade.

Não ha ordem enquanto se puder matar e roubar impunemente e é esse sem duvida o aspecto mais imperioso da questão; mas tambem não ha ordem enquanto os ministros desrespeitarem a sua vontade os principios da moral politica e da boa administração, dispondo do Estado como se fosse sua propriedade; não ha ordem enquanto os funcionarios exercerem as suas funções ao sabor das suas sympathias, favorecendo uns cidadãos e prejudicando outros; não ha ordem, enquanto a imprensa livremente lançar sobre a reputação de cada um inlames e caluniosas insinuações; não ha ordem enquanto qualquer anónimo puder insultar, vexar, difamar toda a gente, promover com boatos e mentiras o desasocção o publico de excitar as suas paixões com a linguagem escaldante das vielas de má terna.

Para manter a ordem, não bastam canhões, espingardas e metralhadoras. E' necessario haver leis que com intelligencia e justiça digam o que se pode e o que não se pode fazer; tribunais que com independencia e imparcialidade investiguem os crimes e julguem os criminosos; força publica que com disciplina obedeça á autoridade e com energia faça respeitar as suas ordens.

Onde não houver a lei, ha o arbitrio; onde não houver lialdade, ha a desconfiança. O arbitrio dos que governam e a desconfiança dos governados são incompativeis com a ordem.

Para criar aquele conjunto de factores é preciso estudo, ponderação, conhecimentos. Nem todos os parlamentares poderão ter naturalmente essas qualidades em grau sufficiente para colaborarem intimamente nessa obra, mas todos devem ter o bom senso indispensavel para compreenderem a importancia do assunto e confiar a sua resolução em detalhe aos que pelas suas idèas e pelos seus actos deem garantias de bem o resolver.

Assim—electores sem partido que desejem concorrer para o estabelecimento da tranquillidade da nossa vida politica, influentes partidarios, sinceros que tenham a legitima ambição de ver triunfar o programa do seu partido e os politicos seus correligionarios, simples caciques que apenas aspi-

rem a digerir comodamente os fructos do seu comercio eleitoral, todos devem concorrer para que os homens que o seu voto eleja tenham a preocupação de resolver o problema da ordem publica e de o resolver nos termos em que o enunciámos e que nos parecem os verdadeiros, isto é, de modo a pôr a legitima actividade dos cidadãos a coberto de todas as ameaças e de todas as violencias, saiam da bomba do legionario, ou da pena do jornalista, venham dum despacho ilegal ou duma lei injusta.

O parlamento que se não inspire nestes principios, desde que não reaja contra o actual estado de coisas, desde que tacita ou expressamente dele se torne cúmplice, por desinteresse ou por calculo, seja qual for a natureza e o valor dos serviços que pessoalmente prestar, será sempre nocivo á colectividade e directa ou indirectamente, aos seus concidadãos.

Estrada de Santa Catarina

Tendo o deputado por este circulo sr. Jaime Cansado, solicitado do sr. Ministro do Comércio uma verba indispensavel para continuação dos trabalhos na estrada de Santa Catarina a Moncarapacho afim de se evitar a danificação das obras d'arte já construidas, pelo sr. Dr. Nuno Simões foi concedida para esta estrada, a importancia de sete mil escudos, da pequena verba destinada ás estradas de serviço.

LEAL D'OLIVEIRA

Deve partir brevemente para Gand (Belgica) onde vai por conta do Estado estudar os modernos processos de educação fisica, o tenente de cavalaria sr. Leal d'Oliveira, que na Escola de Esgrima do Exercito obteve belas classificações.

DR. VALADARES

Deve chegar a Faro no proximo dia 26, indo hospedar-se no Grande Hotel, o distincto medico especialista em doenças de garganta, ouvidos e nariz, Ex.º Sr. Dr. Valadares, prestando serviços durante a sua estada n'esta cidade.

Concurso do "Noticias" CADERNETAS BARATAS E VISTOSAS Edição de "A. B. C." VENDE A Tabacaria Santos TAVIRA

Despedida

Judith Carapeto Ramos, não o podendo fazer pessoalmente, despede-se por este meio de todas as pessoas amigas e das suas relações e oferece a sua casa em Lisboa, Campo Grande, n.º 264 - 2.º - Esq.

EM ARTE

O que é o regionalismo

Continuação da 1.ª pagina

tão arcaica que poucos ingleses, positivos como são, se lhe atrevem a meter dente. Pois isso não impede que arregadores mais ou menos habeis a tenham feito correr em prosa por todos os paises, inclusivé a Inglaterra conservadora, parece que sem adulterarem grande coisa o pensamento do autor, apesar do seu lugar bem reservado no espaço e no tempo e do seu léxico antiquado.

Notemos outro artista, dos maiores. D'Annunzio pode servir como prototipo do escritor moderno internacionalizado, não é verdade?

Mas ha pouco tempo teve V. a gloria de ver a grande Mimi Aguilia interpretar em Lisboa o drama regionalista do referido autor, *Figlia de Fiorio*, que tem como pano de fundo o panorama apocalitico das montanhas de Abruzzos. Mais: D'Annunzio tem chegado a escrever obras em dialeto, traduzindo-as ao depois elle proprio para italiano. Ha até uma peça de que não me ocorre o nome que, se minha memória não falha, é verteu do italiano classico em que a escrevera para um idioma regional só com o fim de Vera Vergani a poder representar na provincia. E é preciso lembrarmos que D'Annunzio é o escritor mais aristocrata e elegante de que dou noticia e que *A Filha de Fiorio* tem toda a carpintaria das obras imortais, pois Gabriele, apesar do seu renome nos centros chics da Europa, não é, conforme alguns portugueses supõem, um artista de Jazz band ou algum Marinetti de escada. A sua cultura humanista é muito solida, conhecendo a fundo o latim e o grego.

E' vulgar achar-se hoje que esses conhecimentos, ou quaisquer outros menos conventuais, não são necessarios á nobre Arte de escrever... Pura ilusão!

O instincto faz muito, mas não faz tudo.

Sem cultura séria só pode ha-

ver dilettantismo, mera eclosão de imagens.

Renovar não é grelar como a batata, que de resto nisso cumpre cegamente uma lei da natureza. Renovar é ter a consciencia do que é preciso substituir. O estilo não supre o impossivel: o estilo é apenas roupagem. E ha pessoas que jogam com palavras como crianças com pedras de cores... Avançarei mesmo que esse culto pelo internacionalismo falsamente concebido tem levado muitissima gente ao improviso, agradável, ao reclamo pomposo, á sugestão duma gloriosinha falaz que nunca foi o *facies* dos verdadeiros artistas antigos (alguns cabotinos e inúteis tambem houve, não obstante) que trabalhavam ignoradamente os seus prismas e as suas telas, as suas esculturas e os seus alçados de catedrais. De quasi todos estes ultimos chegaram-se mesmo a perder os nomes...

A Arte hoje é considerada uma transação de livreria, e d'ahi deriva grandemente a idea do seu cosmopolitismo, característica essencial do comércio.

Entendo que os rótulos são simples pontos de referencia. Ha Arte em todas as Escolas, ha Arte em todas as correntes. Quanto ao mais são preconceitos. O necessario, o imprescindivel, é descreminar o joio do trigo, a ganga do minério rico.

A fúria da publicidade aumentada: todos querem ser notados, aplaudidos. Aqui está um instincto humano que a viação acelerada desenvolveu!

Obras apressadas, raro saem boas. Mas hoje, mal a pena traçou a ultima linha dum livrinho de impressões, o autor corre á tipografia a pedir que lho imprimam e que lhe compoñham em letras gordas o seu nome!

(Conclue no proximo numero)

JOSÉ DIAS SANCHO

Carta de Monte Gordo

Uma desta manhãs, com mar de levante, as aguas puzeram-se de brincadeira conosco, perseguindo-nos em bruscas arremetidas até aos mais afastados acampamentos. Atravessaram a linha habitual das marés grandes, assaltaram atrevidamente as barraquinhas de lona e, de surpresa em surpresa, vieram sítiar de sorrate o reduto cosmopolita da praia—o Toldo—que a fascinadora beleza de algumas banhistas temporãs parecia tornar inexpugnável. E era então de vêr o alegre estouvamento das gentes sítiadas, gesticulando e gritando aturdidamente, ora pendurando-se como macacos no travejamento do toldo, ora atirando-se de sapato e meias para o campo inimigo, que eram as espumeas aguas sítiantes.

Até aquela exquisita creatura de modos e de palavras mansas que jurara afrontar os figurinos modernos e a curiosidade gulosa dos rapazes, não lhes mostrando mais que sete milímetros de perna! foi d'esta vez forçada a perjurar o teimoso compromisso, deixando vêr uma estonteante ligada veludo, rubra como as papoulas de fogo que anunciam a Primavera.

Assistencia feminina do Casino Peninsular no baile de domingo ultimo:

- D. Maria Augusta Sabo, D. Almerinda Lança Cordeiro, D. Delmira Camacho, D. Maria Augusta Tadeu, D. Fernanda Paula Brito, D. Encarnação Piloto Capa, D. Julia Berredo Falcão, D. Zica Neves Vasconcelos, D. Joaquina Sancho Pinto, D. Maria Ferreira, D. Pulqueria Pacheco, D. Maria Amelia Cansado Carvalho, D. Maria Medeiros Bravo, D. Aduzinda Rafael Gama Pinto, D. Maria Isabel Carrilho, D. Paca Tenorio, D. Matilde Gomes Carvalho, D. Felecidade Bravo

- Roldan, D. Maria do Carmo da Ponte, D. Maria da Conceição Brito, D. Mariana Lucena Rosa, D. Maria Cordeiro Marques da Costa, D. Alda Ferreira Mendes, D. Maria Silveira Sant'Ana, D. Suzana Pacheco Marques, D. Anancia Larcher de Sousa, D. Maria Ana Ramos Herdade, D. Maria Isabel Roldan Ramirez, D. Adeline Silva Nobre, D. Aurelia de Avelar Santos, D. Lola Ramirez Vasques Garcia, D. Amparo Pessanha Barbosa, D. Brites Berredo Santos, D. Mariana Nunes Vieira Lisboa, D. Luciana Pitê Uva, D. Maria Luiza Bravo Uva, D. Cremilda Amandio Correia, D. Mariana de Sá Ferreira Aboim, D. Maria da Conceição Filipe Pilar, D. Maria João Filipe Pilar.

- «Miles» Maria Rosa Uva, Joaquina Uva, Julieta Carrilho, Rafaela Bravo, Agueda Bravo, Maria Ivette Sant'Ana, Berta Gago, Maria das Dores Gago, Maria Carolina Salvador Mendes, Laura Vasques, Maria Gomes, Beatriz Gomes Ponce, Maria Peres Martins, Maria Domingues Medeiros, Maria Felecidade Marques da Costa, Maria José Marques da Costa, Laura Correia, Maria Tereza Oliveira Batista, Carmen Barroso Gómez, Catalina A. Vaz Yelino, Maria da Encarnação Azevedo, Luiza Socorro, Maria Isabel Barbosa, Maria Cremilde Correia, Maria Eugénia Correia, Celia Higino, Isabel Domingues, Maria do Carmo Pacheco, Valentina Roldan, Guilhermina Alvares, Artemiza Alvares, Raquel Alvares, Joana Velasco, Catalina Velasco, Maria Luiza Berredo, Maria José Pitoto, Maria Fernanda Pacheco, Maria Helena Sancho Pinto, Irene Sancho Pinto, Laura Capa, Aduzinda Gama Pinto, Maria Julia, Silva Nobre, Spiridonowa Silva Nobre, Rosa Moreira, Alice Ramires.

Pau Preto

Ecos de Tavira

Fechou o cinematografo porque os espectadores da platea e dos balcões se marcharam a mudar de ares. Ficou a geral, ruidosa e turbulenta, que não quer perder os seus bons costumes nem deixar de gosar as suas distrações predilectas. Repete ao ar livre as scenas que mais a entusiasmaram na ultima época e contracta artistas de copla para exhibições de variedades.

A' sombra hospitaleira da Arcada, na Praça da Republica, todos os dias, em sessão permanente, então um velho trovador canções obscenas que são acolhidas com urros e brados de incitamento; havendo tambem acompanhamentos de dança oriental e frases de rico lavôr e conceituoso proposito.

A algazarra dos comentarios e elogios que ocupa os intervalos do sarau—exigindo refrigerantes de agulheta—ajuda a pincelar de loiros de Civilisação este interessante quadro citadino que a Sociedade da Propaganda de Portugal deve tomar á sua conta.

As festas das Angustias despojavaram Tavira. Gente de todas idades e categorias foi a Aiamonte participar da agitação, da vivacidade festiva daquela terra andaluza.

No dia 7 e no dia 8 a cidade appareceu com o mesmo aspecto tristonho que usa no 1.º dia de Maio, dia de frescata geral nos arbaldees. Houve comboios que não receberam todos os individuos que desejavam aproveitá-los na estação de Tavira e outros foram utilizados os vagões descobertos que transportam madeiras. Não se calcula facilmente o montante da drenagem de pesetas que secou os pés de meia duzia portugueses e alimentou o comércio de Aiamonte nos dias de festa. Não se calcula mas presume-se que seja de grande importancia.

Uma das zonas de turismo mais atractivas da cidade é a das margens do rio. A vasa dos canos, a montureira dos desperdicios de peixe e seus depositos de guano recentemente inaugurados, emprestam áquella região encantos extraordinarios de aroma e scenario.

A Camara devia mudar o nome da rua José Pires Padinha para Avenida das Rosas e mandar pôr um gradaemento num predio incipiente que está perto do Registro Aliandegario, aonde se está fazendo uma exposição de guano de peixe já recoisido, cujo olôr acre e nauseabundo tem força bastante para tombar um carroceiro e fazer a sua expansão pela cidade.

Destacando para ali um jardineiro ficava o melhoramento completo.

Leitora, se gas'a extracto, essencias de fino cheiro, não compre sem ver primeiro na «Sedução do Olfacto»

Se lá fizer um contracto verá que poupa dinheiro, pois no universo inteiro ninguém vende mais barato.

Leve um capuz contra gaz e aspire, se for capaz, aquele aroma magano...

Vai por lá gente em cardume e tudo diz:—Que perfume; que bem que cheira a guano...

(Borda d'Agua da Ribeira ali mesmo e que é a jeira...)

O deputado por este circulo, sr. Jaime Cansado, solicitou do sr. Ministro do Comercio a concessão duma dotação para relorço do fundo da Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Tavira.

Segundo somos informados a referida dotação foi concedida e é da importancia de cento e cincoenta mil escudos.

As grailhas são animais comprometedores. Na última digressão que fizeram por esta esplanada aonde se espoja e rebola a nossa reprovavel indiscreção, tiveram